

# O Ouṽido de MAXWELL

*pare escute sinta*



## O Sol é para os ingleses

Uma estranha história de um sádico masoquista, salutarmente mais sádico que masoquista. Depois do escaldão na praia tropeça numa fêmea à beira mar, que cruelmente se entretém a supliciar, privando-a do precioso fluido que ela tanto deseja. E sem o qual não pode perpetuar a sua espécie: a água.

### PARTE UM

[*Olá Inês,*

*A história é estranha. Mas debes lê-la abstraíndo-te desse facto. Sem, excessos dramáticos. Subtileza acima de tudo.]*

#### Texto #1

**Ana D.**

Como de costume na praia com o sol a pino.

**soundscape:** TV Rural de 1981 sobre a seca em Portugal.

**soundscape:** Música Tuareg: canto *Ihamma*.

**soundscape:** Chamamento dos fieis para as orações em Meca.

**soundscape:** Telemundo sobre a travessia do Sahara capitaneada por Miguel Sousa Tavares e que foi emitida numa **Grande Reportagem** da RTP. Locução de António Santos.

**soundscape:** Canção *On the Beach* cantada por Chris Rea (em cassette).

[*pausa curta*]

Sentir toda a fúria destruidora dos ultravioletas na pele. O escaldão. Os dias que iria passar sem que conseguisse dormir com o ardor nas costas queimadas. Tom lagosta vivo, muito vivo.

[*pausa média*]

Alucinava que a sua pele estalaria como a terra ressequida numa savana Africana em que a estação das chuvas já não vem há muitos anos.

[*pausa curta*]

Por detrás dos óculos escuros contemplava os seus companheiros de miséria: os outros banhistas. A praia estava plena. A maré recuara mais que o habitual. Confortava-o a ideia que se ficassem ali tempo suficiente a areia ficaria pejada de ossadas. E que ao fim do dia zelosos funcionários acolitados por pubescentes jovens em ocupação de tempos livres se precipitariam na limpeza do areal, e que as ossadas seriam tratadas de forma igual à casca de banana, ao pacote de batata frita vazio, exalando já um odor rançoso.

[*pausa curta*]

Esta falta de cerimónia com o involucro humano deixava-o feliz. Afinal ainda há esperança. Depois de uma vida sensorona, entediante, regrada, comedida, uma morte lenta e dolorosa por desidratação. Finalmente a riqueza da experiência depois da seca.

**soundscape:** Som de fornalha.

**soundscape:** Som de gelo a ser quebrado

**soundscape:** Jean Giono fala a Jean Carrière sobre o Sol

(12.35)12.35

## **Música #1**

*Song of the water*, HÉCTOR ZAZOU, Kilabuk & Nooveya, "Chansons des mers froides",  
faixa 11, Sony

(2.44) 15.19

## PARTE DOIS

### Texto #2

Ana D.

**soundscape:** Sons nocturnos do verão campestre luso.

**soundscape:** Telemundo sobre a travessia do Sahara capitaneada por Miguel Sousa Tavares e que foi emitida numa **Grande Reportagem** da RTP. Locução de António Santos.

**soundscape:** Programa de criação radiofónica da Arte Radio intitulado **Le Chant des Dunes**

**soundscape:** Chris Rea canta *Little Bond Plaits*

**soundscape:** Som do mar no Monte Estoril (Cascais)

Despertando do torpor da sesta, olha em volta e a praia está vazia. Está certo de que se expôs demasiado ao sol. Sem protector. Olhava com desdém os que sobre ele derramavam um líquido ora branco, ora incolor, ora sem odor, ora com odor nauseabundo, para, ora proteger, ora tornar a pele dourada. Como aqueles jaquinzinhos que se vêem em montras de insalubres tascos lisboetas.

[*pausa curta*]

[*Comprimento de onda da radiação ultravioleta de onda curta, também designada germicida. As unidades são nano-metro: nm.*]

Ele afrontou só a temível radiação UVC. Entre os 315 e 280 nm. Em particular a dos 280. Mas continuava entediado.

[*pausa média*]

Levanta-se e vai acompanhar as gaiotas no babujo de mais um dia de praia afluyente.

[*pausa curta*]

Caminha fincando bem os pés na areia tingida de hidrocarbonetos não refinados.

[*pausa curta*]

Tábuas carcomidas pelo sal , com pregos ferrugentos. Um, dois, três sacos de plástico. Um pedaço de corda de nylon, demasiado curto para ser útil.

[*pausa curta*]

Na orla da rebentação algo mexe. Será um peixe? Não é demasiado grande para ser um peixe. Será um/uma banhista indisposto que se debate com sofrimento?

[*pausa curta*]

A medo aproxima-se. Inunda o seu olhar a imagem de uma belíssima sereia de formosos seios desnudados com um esgar de dor a cobrir o rosto. O que aos seus olhos só a tornava mais bela, mais atraente: irresistível mesmo.

[*pausa curta*]

Como ela se debatia, se esforçava por alcançar a água, que cada vez estava mais longe. E areia onde jazia quase seca.

**soundscape:** Som de um camião a arrancar.

(16.35)31.54

## PARTE TRÊS

### Texto #3

Ana D.

**soundscape:** Mais um TV Rural com o simpático Engz Sousa Veloso. Início.

**soundscape:** Caminhando sobre os ramos secos num início de tarde primaveril.

**soundscape:** Excerpto do programa *Há só uma terra*. Sobre a fome a demografia. Soluções revolucionárias oferecem-se. Locução de Luís Filipe Costa.

**soundscape:** Som de Geradores eólicos.

**soundscape:** Excerto do lado B do LP *Atmospheric Distortions* dos Kangaroo Court.

**soundscape:** TV Rural com o simpático Engz Sousa Veloso, sobre a seca.

**soundscape:** Chris Rea canta *Lucky Day*.

**soundscape:** Som do autocarro 100 da Carris: São Bento-Gomes Freire

Foi mais forte que ele. Não teve força para resistir. Trouxe a pobre criatura para casa. Embrulhou-a na toalha de praia e certificando-se que ninguém o via levou-a para o carro, tendo-a colocado no porta-bagagens traseiro. Transportou-a desde a praia de forma a que o rosto dela iluminado pela dor ficasse bem na frente da sua face. Como um asno segue a cenoura, assim ele ganhou a genica necessária para transportar a pobre criatura pela areia e escada acima até ao parque de estacionamento.

[pausa média]

Com a excitação ia-se estampando contra uma árvore. Agora sim, agora sim. Tinha arranjado uma fêmea para lhe fazer companhia, mas que ao contrário dos seus colegas de serviço, esta além de ser bela, tinha a grande vantagem de não falar. Sim, ele nunca foi nessa treta das sereias cantarem e encantarem os marujos que depois matavam no sono encantado. Bah! Cá para mim eles estavam era a pensar noutra coisa. Dizia a si próprio.

[*pausa curta*]

Sim. E o que encantava os marujos das epopeias é o mesmo que a ele o encanta. O perfeito corpo feminino e o esgar de dor. As inconfessáveis coisas que se podia fazer com ela. E tudo isto de boa consciência. Não que ele tivesse muitos problemas de consciência, mas sabem como é, está-se cercado dessas patéticas restrições morais, e osmoticamente algo perpassa com o trato mundano.

[*pausa curta*]

Ria-se para dentro pensando que os colegas lúbricos devorariam com os olhos a pobre criatura e logo tentariam colocar as manámulas. Mas ele estava muito para lá disso. Dessa baixeza. A ele interessava muito mais o que passava pela cabeça dela encafuada num porta-bagagens às escuras e enrolhada numa toalha que certo a teria deixado quase seca.

**soundscape:** Som de uma trovoadas.

(14.49)46.43

## PARTE QUATRO

**soundscape:** Excerpto do programa *Há só uma terra*. Sobre a reforma agrária. Locução de Luís Filipe Costa.

**soundscape:** Som da chuva num telheiro de zinco.

### Música #2

*At Play in the Fields*, GLEN MOORE, GLEN VELEZ, JUNIOR HOMRICH, Mokave, "Mokave vol. 1", faixa 7, Audioquest

(6.35) 53.18

### Texto #4

Ana D.

**soundscape:** Som de um trovão e da chuva que acompanha uma trovoadada.

**soundscape:** Excerpto do programa *Há só uma terra*. Sobre o socialismo e o colonialismo. Locução de Luís Filipe Costa.

**soundscape:** Chris Rea canta a canção *Light of Hope*.

**soundscape:** Sons captados no Casino de Lisboa em Junho de 2006.

Lar doce lar. Salta fora do veículo e vai logo encher a banheira. Mas será que as sereias gostam de água doce? Tanto faz, pode sempre despejar um saco de sal depois. E pode também não despejar e ver o que acontece. Toda uma vasta gama de experiências de carácter científico atravessa-lhe os neurónios.

[pausa curta]

Então acalma-te. Tens que ter método. Diz para os seus botões.

[pausa curta]

Pensou que podia metê-la na banheira e esfregar as suas costas queimadas nas barbatanas dorsais da sereia. Sim. Seria divinal. Para já a prioridade era garantir que a pobre criatura sobrevivesse o mais possível para seu gáudio. Valia bem a pena meter uma baixazita por motivos psicológicos. Sabe doutor estou muito em baixo, vivo só e sou infeliz, muito infeliz. Tenho às vezes ganas de me atirar da ponte abaixo, mas sou tão covarde que nem para isso tenho coragem. Via bem a fronha do médico, e a sua mão a passar a baixazita. 15 dias seriam suficientes. Sim a criatura não duraria mais de 15 dias, e se durasse, entulho com ela. Pela calada da noite a deixaria num qualquer ilegal vazadouro de entulho. Pois que aí rapidamente o seu corpo seria submerso por toneladas de detritos de construção.

[*pausa curta*]

Mas era preciso metê-la na banheira, senão ainda podia morrer no porta-bagagens, o que depois da chatice toda que teve não tinha graça nenhuma. E seria um tremendo balde de água fria no seu entusiasmo.

[*pausa curta*]

Enche a banheira a 1/4 e atira a sereia lá para dentro, que sentindo a água começa ondular o corpo e as barbatanas para ver se se escapa. O esforço é tanto que acaba por atirar a água toda fora da banheira ficando quase seca.

[*pausa média*]

Continua para o mês que vem...

(7.40) 60.58

**Tempo total: 60.58**